

Mergulho oceânico no espelho d'água: estranheza que desafia limites

Willmann Silva Costa¹

Francisco Ramos de Farias²

Resumo: O presente artigo reflete sobre a relação entre Amaro e Aleixo, protagonistas de "O Bom-Crioulo", obra de Adolfo Caminha, questionando se essa ligação tem um pendor para o amor ou para a dinâmica de poder. A análise se fundamenta na complexidade das interações humanas, que ora busca a completude no outro, ora responde a circunstâncias sociais e históricas. Ao conectar literatura, contexto social do século XIX, filosofia e psicanálise, este artigo visa elucidar de que maneira a literatura desse período reflete e problematiza as dinâmicas entre amor e dominação, evidenciando a hipocrisia de uma sociedade em transformação e a luta pelo reconhecimento e pela identidade em suas múltiplas dimensões. Por meio da obra de Adolfo Caminha, podemos analisar as complexas dinâmicas sociais do Brasil do século XIX, destacando a luta por reconhecimento e igualdade em um momento de intensa transformação. A relevância de sua obra permanece atual, pois as questões que aborda continuam a ressoar nos debates contemporâneos sobre raça, sexualidade e direitos civis.

Palavras-chave: Amor. Homossexualidade. Realismo.

¹ Pós-Doutorado pela UNIRIO, Doutor em Psicanálise Saúde e Sociedade - UVA. Assessor na SME RIO. E-mail will.costa44@gmail.com

² Pós-Doutorado pela Université de Paris SHS - Sorbonne, Centre d'Anthropologie Culturelle. Doutorado em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas. Professor titular – UNIRIO. E-mail: francisco.farias@unirio.br

O final do século XIX marcou um período de significativas transformações sociais e culturais no Brasil, criando um ambiente propício para a análise das complexas interseções entre amor e poder nas relações humanas. Em 1899, Machado de Assis, um dos principais expoentes da literatura brasileira e figura central do realismo, publica *Dom Casmurro*. Embora a obra não trate explicitamente da homossexualidade, ela propicia uma reflexão aprofundada sobre os aspectos da sexualidade e dos vínculos afetivos. A ambiguidade da relação entre os personagens Bentinho e Escobar, por exemplo, tem gerado diversas interpretações, revelando não apenas os traços psicológicos dos personagens, mas também as imposições e normativas sociais que permeavam aquele período. Por sua vez, Adolfo Caminha, alinhado à vertente naturalista, apresenta em *O Bom-Crioulo* uma representação mais incisiva das relações de poder e da identidade sexual, estabelecendo um diálogo com as condições sociais de sua época.

Adolfo Caminha nasceu em 29 de maio de 1867, em Aracati, Ceará. Ingressou na Escola da Marinha, onde se tornou segundo-tenente, mas abandonou a carreira militar em razão da perseguição sofrida após envolver-se com a esposa de um oficial do Exército. Destacou-se como escritor e crítico social brasileiro, sendo *O Bom-Crioulo*, publicado em 1895, sua obra mais conhecida.

Caminha viveu um período de transição marcado pelo fim da monarquia, pela Proclamação da República, em 1889, e pela abolição da escravidão, em 1888, acontecimentos que contribuíram para a redefinição das estruturas sociais e para a construção de uma identidade nacional. Faleceu em 1º de janeiro de 1897, no Rio de Janeiro, sendo reconhecido como um dos representantes mais significativos do naturalismo brasileiro.

Contudo, as obras literárias aqui analisadas não são compreendidas como simples reflexos das condições históricas e sociais do final do século XIX, tampouco como registros transparentes capazes de oferecer acesso imediato às subjetividades do período. A literatura é concebida como uma forma de elaboração simbólica que, ao mesmo tempo em que se inscreve em determinado contexto histórico, opera sobre ele por meio de deslocamentos, ambiguidades e reconfigurações produzidas pela linguagem ficcional. Assim, a experiência histórica e os modos de subjetivação comparecem no texto

literário mediados por procedimentos narrativos e por formas específicas de representação.

Nesse sentido, a relação entre literatura e sociedade é entendida como um processo de mútua constituição. Se as obras emergem em condições históricas particulares, elas também produzem sentidos, sensibilidades e formas de inteligibilidade da experiência humana. Mais do que reproduzir uma realidade social, a ficção intervém na construção dos imaginários e das possibilidades de reconhecimento dos sujeitos. Desse modo, a aproximação entre literatura, filosofia e psicanálise proposta neste estudo não busca identificar correspondências diretas entre texto e realidade, mas compreender como a linguagem literária elabora, transforma e torna pensáveis as tensões entre amor, desejo, poder e identidade.

Ao conectar literatura, contexto social do século XIX, filosofia e psicanálise, este artigo visa investigar de que maneira as narrativas desse período elaboram e reconfiguram as dinâmicas entre amor e dominação, evidenciando as contradições de uma sociedade em transformação e as disputas em torno do reconhecimento e da identidade em suas múltiplas dimensões.

A psicanálise emergiu nesse mesmo contexto, no final do século XIX, principalmente devido ao trabalho de Sigmund Freud, e trouxe contribuições significativas para a cultura ocidental. Ao abordar a sexualidade de forma inédita, desafiou valores e normas vigentes, promovendo debates que se estenderam a campos como a filosofia, a sociologia e a antropologia, ampliando as formas de compreensão da condição humana.

Dessa forma, a questão central que se estabelece é: qual é a natureza da relação entre os protagonistas da obra *O Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha? Trata-se de uma relação fundada no amor ou de uma dinâmica de poder? Seria expressão de uma identificação com o outro, de uma busca por completude ou, ainda, de uma forma singular de inscrição do desejo nas circunstâncias históricas e sociais em que os sujeitos se constituem?

Contexto social da época

As últimas décadas do século XIX no Rio de Janeiro foram marcadas por profundas transformações sociais, políticas e econômicas que refletiam o desejo do Brasil de se modernizar e se integrar ao contexto global. Durante os anos 1880, sob o reinado de Dom Pedro II, a cidade se consolidou como um dos principais centros urbanos da América Latina, transformando-se em um verdadeiro laboratório de inovação. O imperador, entusiasta das descobertas científicas e comprometido com o progresso, impulsionou a construção de ferrovias e o estabelecimento de um sistema telegráfico, iniciativas que melhoraram as comunicações e conectaram as vastas dimensões do território nacional. Isso não apenas promoveu a integração entre as regiões, mas também estimulou o comércio de formas até então inexploradas (Araújo, 2001). Klein e Pereira (2009) também ressaltam que, nesse contexto, o Rio de Janeiro se tornou um espaço de efervescência cultural e social, onde a luta por nova identidade e cidadania se tornava cada vez mais premente.

A transição do Império para a República trouxe profundas mudanças sociais e políticas, impactando significativamente a vida de pessoas escravizadas. Conforme Buarque (2002) menciona, a Abolição da Escravatura representou um avanço crucial para os direitos civis, embora tenha deixado uma parte considerável da população sem condições adequadas para uma real inclusão social. As pessoas negras libertas, na sua maioria, enfrentaram a marginalização em um ambiente urbano que não estava preparado para acolher esse novo contingente de trabalhadores. A promessa de igualdade e oportunidades permaneceu insatisfeita, resultando em uma exclusão que perdurou nas décadas seguintes e que, de certa maneira, ainda perdura nos dias de hoje. O panorama social do Rio de Janeiro daquela época refletia não apenas uma luta por identidade e cidadania, mas também as tensões e contradições de um país que aspirava à modernidade e à democracia.

Nesse período, a Marinha brasileira estava imersa em um significativo processo de modernização, que incluía a aquisição de poderosos couraçados e cruzadores, principalmente na Europa. Além disso, houve investimentos substanciais na construção

de novas instalações navais, com a criação de arsenais e docas para dar suporte à nova frota. O cotidiano dos marinheiros que circulavam pelo centro do Rio de Janeiro era marcado por essa agitação, influenciado por diversos fatores sociais, econômicos e culturais. A disciplina e a hierarquia perduravam, em um ambiente onde comandantes e oficiais eram respeitados e a rotina a bordo dos navios era rigorosa. Treinamentos e manobras refletiam um ambiente austero, permeado por castigos que exaltavam a obediência. Muitas vezes, os marinheiros eram vistos como parte de uma máquina maior, suas individualidades e direitos frequentemente subordinados ao funcionamento do navio. Nesse cenário, a figura do comandante representava tanto a autoridade quanto as tensões de uma sociedade em transformação. A obra de Caminha traz esse cenário em trechos como:

Silêncio absoluto nas fileiras da marinagem. Cada olhar tinha um brilho especial de indiscreta curiosidade. Um frêmito de instintiva covardia, como uma corrente elétrica, vinha à face de toda aquela gente abespinhada ali assim perante um só homem, cuja palavra trazia sempre o cunho áspero da disciplina. Era um respeito profundo chegando às raízes da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for. (Caminha, 2023, p. 10)

Culturalmente, o Rio de Janeiro destacou-se nas áreas da literatura, música e artes, caracterizando-se pelo surgimento de novas correntes e pelo florescimento de proeminentes figuras da intelectualidade nacional. A educação recebeu especial atenção, resultando na fundação de inúmeras instituições de ensino que ampliaram o acesso ao conhecimento, apesar das marcantes desigualdades sociais existentes. Esse contexto fomentou um fervor cultural que permeava não apenas as elites, mas também as classes populares, que buscavam inserir-se no emergente cenário social e cultural.

No final do século XIX, a literatura brasileira passou por uma transformação significativa com o surgimento do Realismo, que buscava retratar a realidade de forma objetiva e crítica, distanciando-se dos ideais românticos predominantes na época. Enquanto o Romantismo idealizava o amor, a natureza e a individualidade do herói, o Realismo almejava uma representação mais fiel da vida cotidiana (GOUVEIA, 2005). Em sua essência, este movimento literário pretendia ilustrar a realidade social "tal como ela

é", sem os filtros da sensibilidade exacerbada ou da emoção romântica, focando em aspectos como a corrupção, a pobreza e as injustiças sociais (CANDIDO, 1978). Autores como Machado de Assis e Raul Pompeia exemplificaram essa nova forma de escrita, abordando temas complexos e apresentando personagens com dilemas éticos e morais, representando a sociedade brasileira de maneira crítica e realista (GOUVEIA, 2005).

Dentro desse contexto, o Naturalismo se destacou como uma vertente que aprofundou ainda mais essa busca pela realidade, baseado em princípios científicos e deterministas. Influenciado pelas ideias de autores como Émile Zola, o Naturalismo postulava que o comportamento humano era moldado por fatores biológicos, sociais e ambientais, enfatizando a inevitabilidade do destino. No Brasil, Adolfo Caminha emergiu como uma das vozes proeminentes deste movimento.

Os naturalistas brasileiros, incluindo Caminha, se preocuparam em refletir não apenas as realidades da vida urbana e rural, mas também a condição humana em um ambiente marcado por desigualdades e conflitos. Por meio de uma escrita minuciosa e descritiva, eles lançaram luz sobre as vidas de pessoas marginalizadas e os dilemas éticos que permeavam a sociedade, propondo uma visão crítica que desafiava a complacência social. Assim, a transição do Romantismo para o Realismo e o Naturalismo representou não apenas uma mudança estética, mas também uma profunda reflexão sobre as questões sociais, políticas e morais que ainda ecoam na literatura contemporânea brasileira.

O Brasil do final do século XIX era um país em ebulição, predominantemente agrário e marcado por profundas desigualdades sociais e começava a se industrializar. As cidades, especialmente o Rio de Janeiro, tornaram-se centros de atração para trabalhadoras e trabalhadores de diversas regiões em busca de emprego e melhores condições de vida. Contudo, essa urbanização acelerada também trouxe à tona questões relacionadas à miséria urbana, desigualdade e marginalização de grupos como os escravizados e os imigrantes.

Caminha utilizou sua arte para discutir e criticar a realidade da sociedade brasileira. "O Bom-Crioulo", sua obra emblemática, narra a vida de um marinheiro negro homossexual, abordando a homossexualidade em um Brasil que enfrentava não apenas os resquícios da escravidão, mas também a moral conservadora. Ao escolher um

protagonista negro e homossexual, Caminha revela não apenas sua ousadia, mas também uma crítica à marginalização dessas pessoas. Sua narrativa denuncia a hipocrisia e intolerância da sociedade da época, permitindo uma reflexão mais profunda sobre identidade e direitos humanos.

Por meio da obra de Adolfo Caminha, podemos analisar as complexas dinâmicas sociais do Brasil do século XIX, destacando a luta por reconhecimento e igualdade em um momento de intensa transformação. A relevância de sua obra permanece atual, pois as questões que aborda continuam a ressoar nos debates contemporâneos sobre raça, sexualidade e direitos civis.

A prosa incisiva e detalhista de Caminha explora as nuances e adversidades de seus personagens, refletindo as inquietações de uma sociedade em mudança e revelando as imperfeições do ser humano em um mundo regido por determinismos sociais.

No início do século XX, o mundo passava por transformações profundas e simultâneas, tanto no âmbito social quanto no cultural. A literatura, como sempre, reflexo da sociedade, tornou-se um espaço fértil para o surgimento de novas ideias e para a exploração de complexidades psicológicas. Esta era, marcada pelo questionamento das normas vitorianas, pela ascensão da psicanálise e pela busca por novas formas de expressão, propiciou a criação de personagens que encarnavam os dilemas da época. Entre as obras notáveis desse período, "Gradiva", escrita por Wilhelm Jensen e analisada por Sigmund Freud, destaca-se como um excelente exemplo da interseção entre literatura e psicanálise.

A "Gradiva", que combina elementos de ficção e psicologia, apresenta o personagem Norbert Hanold, um jovem arqueólogo que se vê fascinado por uma figura representada em uma antiga estatueta. Esta figura, a "Gradiva", torna-se a personificação de sua idealização do amor e do desejo, ao mesmo tempo que simboliza um estado de inércia emocional. O analizador Freud, ao dissecar essa obra, revela como este personagem está imerso em um processo de defesa contra sua própria neurose. A representação da Gradiva como uma figura idealizada é um reflexo da necessidade humana de buscar significado e controle em tempos de incerteza. Assim, a literatura,

como sempre, torna-se um espelho das ansiedades e das esperanças de uma sociedade em transformação.

A análise freudiana ressalta que a Gradiva não é apenas um objeto de desejo, mas também um catalisador para a autoexploração de Hanold. Essa busca pelo autoconceito faz ecoar as teorias psicanalíticas emergentes, em que o inconsciente e os mecanismos de defesa ganham destaque. A personagem se torna uma representação simbólica da realidade psíquica, e sua entrada na vida de Hanold, ainda que marcada por uma idealização, leva à revelação de seus principais conflitos internos.

Outro aspecto importante é a dinâmica entre o consciente e o inconsciente, que Freud (2015) explora ao interpretar a paixão de Hanold. Na trama, a Gradiva é uma projeção dos desejos não realizados do personagem, e sua jornada de descoberta pessoal resulta na confrontação de seus medos mais profundos. Essa complexidade é característica do período, quando a psicanálise começava a dismantelar os códigos do ser humano, permitindo uma nova compreensão das relações e das motivações. Desse modo, a obra de Jensen não apenas entretém, mas também serve como uma plataforma para as discussões sobre as inquietações psíquicas que permeavam a sociedade da época.

Portanto, ao analisar "Gradiva" e seu protagonista à luz do contexto social do início do século XX, podemos perceber como a literatura, em síntese, atua como um campo de testes para as teorias psicanalíticas e, em última instância, para o entendimento da condição humana. Através do prisma freudiano, é possível argumentar que as personagens literárias não são meras figuras de ficção, mas sim representações vivas das esperanças, medos e complexidades que habitam o inconsciente. Assim, as análises de personagens literários se tornam uma poderosa ferramenta para a compreensão das nuances sociais e psicológicas de sua época.

O Sutil Limite entre Amor e Possessividade em “O Bom-Crioulo”

"O Bom-Crioulo", obra de Adolfo Ferreira de Souza, publicada em 1895, aborda a vida de um marinheiro negro chamado Amaro e sua relação com um jovem chamado Aleixo. O romance se insere em um contexto caracterizado por preconceitos raciais e

sociais, o que intensifica a complexidade da interação entre os protagonistas. A relação que se estabelece entre Amaro e Aleixo é marcada por uma diversidade de sentimentos, frequentemente contraditórios e imbuídos de estranhezas. Amaro, ao vivenciar a dura realidade da discriminação racial, encontra em Aleixo uma fonte de afeto e conexão em um mundo hostil.

A princípio, Aleixo parece corresponder a esse sentimento de forma genuína, funcionando como um símbolo de esperança e possibilidade de um vínculo significativo na vida de Amaro. Contudo, essa relação é permeada por tensões inerentes à dinâmica desigual de poder que existe entre eles. A diferença de idades e a posição social de Amaro, um homem mais velho e experiente, implicam uma relação em que ele pode, de certa forma, exercer controle sobre o jovem Aleixo. Este último, apesar de jovem e da aparente reciprocidade de sentimentos, está imerso em uma rede de expectativas que podem se tornar opressivas. À medida que a trama avança, as interações entre os dois personagens se tornam cada vez mais tensas e conflituosas.

Aleixo, ao tomar consciência do profundo afeto de Amaro, passa a sentir a pressão de corresponder a esse sentimento, apesar de essa correspondência resultar em sofrimento e exploração emocional. Assim, a relação se torna uma interseção entre afeto genuíno e uma luta de poder desigual, na qual a vulnerabilidade de Amaro se transforma em possessividade e ciúmes. A complexidade da relação entre Amaro e Aleixo ressalta a intrincada natureza das interações humanas, evidenciando, ao mesmo tempo, um contexto social imbuído de questões raciais e de classe. O romance, portanto, não apenas narra uma história de afetos, mas também reflete uma crítica social às estruturas de poder e à dinâmica das relações humanas em um ambiente marcado por desigualdades.

Freud (2010), no ensaio “O Inquietante”, discute a ideia de um sentimento que é familiar, mas que, ao mesmo tempo, provoca um sentimento de estranheza. Essa dualidade é altamente pertinente para a análise da relação entre Amaro e Aleixo. O afeto que se desenvolve entre os dois personagens é, ao mesmo tempo, íntimo e alienante. A atração que sentem um pelo outro é uma busca de conexão, mas também é perturbadora, uma vez que a aproximação física e emocional revela as tensões raciais e sociais que cercam suas vidas, conforme retrata trecho abaixo:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. (Caminha, 2023, p. 25)

Sobre o trecho acima, é importante destacar que a expressão "sexo contrário" remete a uma visão tradicional e binária da sexualidade, geralmente associada ao conceito de heteronormatividade, onde se considera que a atração deve ocorrer entre indivíduos de sexos opostos. No contexto atual, essa expressão pode ser questionada e reformulada, à medida que se reconhece a diversidade das orientações sexuais e das identidades de gênero.

Em sua análise sobre a angustiante inquietude, Freud (2010) faz algumas considerações importantes sobre o adjetivo, em alemão, "*unheimlich*". Para o autor do ensaio, essa palavra adjetiva um fenômeno em que certas coisas ou experiências evocam um sentimento de medo ou desconforto, apesar de parecerem familiares ou íntimas à primeira vista. "*Unheimlich*" deriva do radical "*heim*", que significa "caseiro" ou "em casa", e do prefixo "*un*", que indica negação. Nesse sentido, transmite uma sensação perturbadora de familiaridade que pode provocar medo ou repulsa. Freud também afirma que "*unheimlich*" pode transmitir a ideia de algo escondido, reprimido e que, muitas vezes, está associado a desejos ou medos inconscientes que, normalmente, por questões sociais, não são facilmente realizados. Quando esses conteúdos reprimidos vêm à superfície sob uma nova e inesperada luz, percebemo-los como inquietantes. O autor sugere outros significados para o vocábulo, como, por exemplo, o motivo do duplo, que transmite a ideia de que o inquietante, muitas vezes, está ligado ao conceito de duplo ou gêmeo, ou seja, à ideia de um 'eu igual' em outro contexto, muitas vezes inquietante. Isso leva a um sentimento de estranhamento. Afirma Freud:

A palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich*, *heimisch*, *vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], sendo natural concluir que algo é

assustador justamente por não ser conhecido e familiar. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante. (Freud, 2010, pp.331-332)

Dessa forma, Freud analisa como o “inquietante” permeia as fronteiras entre o familiar e o estranho, e como isso pode nos levar a vivenciar situações conhecidas como ameaçadoras ou repletas de medo. Ele explica que o “estranho” surge quando algo familiar se transforma em uma experiência de desconforto. De forma análoga, a relação entre Amaro e Aleixo revela a ambivalência do desejo: o que inicialmente parece ser uma busca por liberdade e amor logo se torna uma fonte de conflito interno para ambos. Amaro, mesmo em sua busca por um amor verdadeiro, depara-se com seus próprios medos e inseguranças, refletindo os preconceitos da sociedade:

(...) era Bom-Crioulo, o negro Amaro, cujo espírito debatia-se, como um pássaro agonizante, em torno desta única ideia - o grumete Aleixo, que o não deixava mais pensar noutra coisa, que o torturava dolorosamente... - Maldita a hora em que o pequeno pusera os pés a bordo! Até então sua vida ia correndo como Deus queria, mais ou menos calma, sem preocupações incômodas, ora triste, ora alegre, é verdade, porque não há nada firme no mundo, mas, enfim, ia-se vivendo... E agora? Agora... hum, hum!... Agora não havia remédio: era deixar o pau correr... (Caminha, 2023, pp 28,29)

A atração que Aleixo nutre por Amaro se revela como um processo permeado por descobertas e a esperança de um novo mundo. Gradualmente, Aleixo começa a reconhecer seu próprio poder em relação ao negro Amaro:

O rapazinho mordida distraidamente a ponta do lenço de chita azul-escuro com pintinhas brancas, ouvindo as promessas do outro, sonhando uma vida cor-de-rosa lá nesse Rio de Janeiro tão falado, onde havia uma grande montanha chamada Pão d’Açúcar e onde o imperador tinha um palácio, casarão bonito com paredes de ouro... (Caminha, 2023, p 32)

Aleixo experimenta uma conexão intensa com algo maior, um desejo de conhecer coisas distantes de sua realidade, e constata que Amaro pode proporcionar isso. Ele anseia por descobrir um mundo repleto de belezas. O Grumete tem consciência do poder que sua

aparência exerce sobre Amaro. Existe entre eles um entendimento inexplicável de domínio mútuo.

A beleza juvenil de Aleixo, entrelaçada à sua quase inocência, desperta em Amaro uma gama de sentimentos que variam da adoração à profunda vulnerabilidade. O frescor de sua juventude, aliado à inexperiência do rapaz, pode ter suscitado em Amaro não apenas uma atração física, mas também a possibilidade de revisitar sua própria adolescência de maneira inédita: através da beleza de um jovem branco, objeto de desejo tanto para homens quanto para mulheres.

A relação entre Amaro e Aleixo contém elementos complexos de desejo, possessividade e, em certa medida, idealização. Amaro, um personagem em conflito, pode acabar idealizando Aleixo, o que poderia refletir o "futuro de uma ilusão", relacionado à ideia de que, muitas vezes, as expectativas e fantasias que construímos em torno das relações podem não corresponder à realidade, levando a desilusões.

Freud, em seu texto de 1927, "O futuro de uma ilusão", desenvolve a teoria do "sentimento oceânico", que diz respeito à sensação de conexão com algo maior do que nós mesmos, uma experiência de unidade com o universo. Considerando essa teoria, é possível questionar se o afeto intenso entre os personagens não estaria inserido nesse inexplicável oceano de sentimentos. Podemos inferir que a relação entre os protagonistas da obra de Adolfo Caminha apresenta características do que se pode chamar de sentimento oceânico. Aleixo busca uma conexão profunda e significativa com Amaro, semelhante à maneira como se procura um Deus para obter amparo divino, ou talvez como um tenro infante que busca a proteção da mãe:

Não é difícil encontrar essas ligações. Trata-se das relações que o desamparo da criança tem com aquele do adulto, que lhe dá prosseguimento, de modo que, como seria de esperar, a motivação psicanalítica da formação da religião se torna a contribuição infantil para sua motivação manifesta. Transportemo-nos para a vida psíquica de uma criança pequena. Lembra-se do tipo de escolha de objeto por apoio, de que fala a psicanálise? A libido acompanha as vias das necessidades narcísicas e se apega aos objetos que garantem sua satisfação. Assim, a mãe que satisfaz a fome da criança torna-se o primeiro objeto de amor e, certamente, também a primeira proteção contra todos os perigos indeterminados e ameaçadores do mundo exterior, a primeira proteção contra a angústia, podemos dizer. (Freud, 2014, pp 257-258)

No mito de Narciso, o jovem se enamora perdidamente por sua própria imagem refletida na água. Essa paixão, embora profunda, revela-se como um amor obsessivo e egocêntrico. A busca por esse amor, que assume um caráter quase autoidolátrico, é visível na relação entre Amaro e Aleixo, em que Amaro projeta em Aleixo seus próprios ideais. A beleza de Aleixo não apenas atrai Amaro, mas o cativa de tal forma que ele se torna obcecado pela imagem do amor que idealiza. Assim, a relação entre eles transita entre a admiração sincera e a obsessão pelo poder um do outro: Amaro pelo poder da força e hierarquia; Aleixo pelo poder da tenra beleza. Sob a ótica da psicanálise, essa relação revela indícios complexos de amor, desejo e identidade, evidenciando as tensões sociais e raciais da época. A paixão de Amaro por Aleixo vai além da atração física: representa uma busca por pertencimento e aceitação em um contexto de opressão e discriminação racial. Por meio da projeção de seus ideais, Amaro tenta lidar com suas próprias vulnerabilidades e com o ambiente social que o cerca, refletindo as dinâmicas de poder e afeto presentes nas relações humanas.

Freud, ao analisar o mito, sugere que o amor narcísico pode ser compreendido como uma forma de autoafeto, no qual o sujeito se encontra tão absorvido por si próprio, enquanto objeto de sua afeição que acaba por desconsiderar a individualidade do outro. Amaro, ao se apaixonar por Aleixo, reflete esse mesmo mecanismo. A relação não se limita a um simples afeto: é marcada por uma intensa idealização do parceiro, em que a essência de Aleixo se torna uma projeção dos ideais e necessidades de Amaro.

Assim, a conexão entre o mito de Narciso e a obra de Caminha não se restringe a uma mera similaridade temática, mas se aprofunda nas nuances do amor pelo igual. Amaro, ao buscar em Aleixo a concretização de seus próprios ideais de beleza e desejo, revela uma faceta do amor que é, ao mesmo tempo, transformadora e destrutiva. Essa intersecção nos leva a refletir sobre o que realmente significa amar: seria um ato de contemplação mútua ou, em última análise, uma busca por si mesmo na imagem do outro?

A atração que Amaro sente por Aleixo pode ser interpretada como a busca do amor em sua própria imagem, refletindo suas inseguranças e ideais. Assim como Narciso se afunda em sua busca pela própria beleza, Amaro enfrenta suas próprias questões de

identidade sexual e social, refletindo sobre o que significa amar um homem em uma sociedade predominantemente heteronormativa, que frequentemente rejeita essa forma de amor.

A relação entre Amaro e Aleixo também é marcada por uma dualidade: o amor é, ao mesmo tempo, libertador e opressivo. Enquanto o amor de Amaro por Aleixo pode ser visto como um ato de resistência contra as normas sociais, ele também revela uma luta interna e a dificuldade de aceitar sua própria identidade.

Tanto o mito de Narciso quanto a relação entre Amaro e Aleixo refletem questões profundas sobre identidade, amor e a dificuldade de se aceitar em um mundo que, muitas vezes, marginaliza certos tipos de amor.

A construção, as idealizações e as ilusões identificadas nos personagens podem, eventualmente, chocar-se com a realidade da relação que eles vivenciam. A complexidade emocional e os conflitos dos personagens ressaltam tanto a intensidade desse sentimento quanto as possíveis decepções que dele podem emergir. Tal consideração é enfatizada por Freud em sua célebre frase: “O céu deixaremos para os anjos e os paraísos” (Freud, 2014, p 293).

De acordo com Freud (2013), os escritores têm características que os tornam aptos a realizar seu ofício, analisando o funcionamento psicológico de pessoas reais e tendo a coragem de dar voz ao seu próprio inconsciente.

Sobre os escritores, Freud (2013) faz comentários acerca de um maior compromisso com o deleite de leitores e leitoras e, de certa forma, quando lhes convém, atenuam a realidade. Ele também afirma que os escritores e escritoras não se interessam pela origem dos estados mentais e apresentam suas obras de forma acabada. Além disso, menciona que cabe à ciência, sem estar vinculada ao prazer do/a leitor/a, ocupar-se de tal tarefa. Por esse motivo, é nossa responsabilidade, como pesquisadores, analisar esses aspectos com atenção, observando a manifestação do inconsciente do escritor, sem desprezar o contexto em que a obra foi escrita.

Em “O Bom-Crioulo”, podemos identificar a presença de um narrador autodiegético, ou seja, um narrador que não apenas narra os eventos da história, mas também é personagem dela, participando ativamente dos acontecimentos. O estilo da

narrativa frequentemente traz elementos da linguagem e da cultura do próprio narrador, o que reforça sua presença na trama, conforme retrata a passagem abaixo:

Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder “o negro”; outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, dêz que “se metera” com Aleixo, o tal grumete, o belo marinheiro de olhos azuis, que embarcara no sul. - O ladrão do negro estava ficando mesmo sem-vergonha! E não lhe fossem fazer recriminações, dar conselhos...Era muito homem para esmagar um! (Caminha, 2023, p 25)

Caminha explora a paixão arrebatadora entre os protagonistas, criando cenas de grande carga emotiva que impactam profundamente leitores e leitoras. A paixão entre os personagens é retratada como algo avassalador, capaz de desafiar normas sociais e condenações.

No texto “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem - Contribuições à psicologia do amor”, publicado em 1910, Freud propõe que o amor é uma das forças motivacionais mais poderosas do ser humano, relacionando-se a desejos inconscientes e a necessidades de natureza afetiva e sexual. O que se pode observar na relação entre Amaro e Aleixo é um entrelaçamento de amor e dominação, em que a atração física e emocional de Amaro por Aleixo é marcada por um contexto de desigualdade racial e social. Amaro era um homem de trinta anos que caminhava pela vida com a serenidade de quem conhecia o peso de sua própria intimidade. Enquanto os outros ao seu redor se entregavam às paixões efêmeras e aos relacionamentos fugazes, ele decidira preservar sua virgindade, como um tesouro guardado em um cofre impenetrável. Sobre isso Freud nos mostra que:

É preciso um obstáculo para impulsionar a libido para o alto, e, quando as resistências naturais à satisfação não bastam, em todas as épocas as pessoas introduziram resistências convencionais, a fim de poder fruir o amor. Isso vale para indivíduos e povos. (Freud, 2013, p 359)

Nesse sentido, a escolha de Aleixo como objeto de amor por parte de Amaro, em uma perspectiva psicanalítica, revela não apenas uma intensidade de sentimento, mas

também uma construção de um ideal que desafia as normas sociais da época, refletindo uma luta interna entre o desejo e as imposições sociais, conforme retrata trecho abaixo:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia de um escravo, uma “mulher à toa” propondo quanta extravagância lhe via à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, nuzinho em pelo: queria ver o corpo... (Caminha, 2023, p 52)

Com relação ao trecho acima, vale mencionar que a expressão "escravo, uma 'mulher à toa'" é particularmente significativa, pois sugere uma redução da identidade de Aleixo a um objeto de desejo e prazer.

O amor que emerge entre eles, então, não é isento de tensões e hierarquias. Dessa forma, questionamos se se trata de uma relação amorosa ou se é permeada por um jogo de poder, no qual a condição racial exerce um papel central nas dinâmicas afetivas. Esta perspectiva freudiana permite uma análise mais profunda dessa relação, abrindo caminho para discussões sobre a intersecção entre amor, poder e as construções sociais que moldam as relações interpessoais. No caso de Amaro, sua inquietação em relação a Aleixo pode ser interpretada como uma manifestação de desejos e conflitos entre a atração e as normas sociais da época.

Outro conceito relevante é o de amor idealizado e a transferência. Amaro pode projetar em Aleixo não apenas um objeto de desejo, mas também uma figura que representa algo mais profundo: a busca por aceitação, liberdade e um espaço onde seus sentimentos possam ser vividos sem julgamentos sociais. Aleixo torna-se, portanto, uma forma de escape para Amaro, uma tentativa de se libertar das amarras da normatividade da sociedade.

A relação entre os dois personagens é marcada pela ambiguidade e pela tensão, refletindo as dificuldades que Amaro enfrenta ao lidar com seus sentimentos em um contexto opressivo. Essa dinâmica é intensificada pelo fato de que, em conflitos amorosos, a mente humana frequentemente alterna entre amor e ódio, atração e repulsa,

criando uma montanha-russa emocional que pode ser observada nas interações entre os dois personagens.

Do mesmo modo que aparece em “O Bom Criolo”, o tema do amor tem sido extensivamente abordado na literatura ao longo do tempo. Um exemplo disso é visto em Luís de Camões, renomado poeta português, que retrata o amor como um sentimento ardente e visceral que implica entrega total e incondicional de uma pessoa a outra, gerando um desejo profundo e intenso de união e bem-estar mútuo. Em sua obra épica “Os Lusíadas”, Camões retrata o amor como um sentimento que transcende obstáculos e fronteiras, tendo a capacidade de mover montanhas e superar desafios, revelando-se como uma força divina que inspira e conduz os amantes a grandes conquistas. O poeta concebe o amor como uma fonte de inspiração poética, frequentemente retratado como um rio poderoso e irresistível de paixão e volúpia, capaz de transformar e elevar aqueles que se entregam a ele.

O Soneto 164 de Luís de Camões aborda a complexidade do amor, retratando suas nuances paradoxais. O eu lírico reflete sobre a natureza do amor, que é descrito como uma chama invisível que ardentemente consome, assim como uma ferida que provoca sofrimento, mesmo quando não é sentida. A poesia expressa a contradição entre a alegria e a dor, apontando para um contentamento que é, na verdade, descontente e insatisfatório. Além disso, o texto explora a solidão que muitas vezes acompanha o amor, destacando a presença de um desejo que pode levar à morte emocional.

O eu lírico também menciona a luta interna de amar alguém que causa sofrimento, sugerindo um ciclo de vitória e derrota nas relações. Essa dinâmica é simbolizada por movimentos opostos, como correr rapidamente para um ponto de parada ou querer estar preso, sublinhando a inconstância do sentimento amoroso. Assim, Camões captura a essência dos altos e baixos do amor, em que o desejo e a dor estão entrelaçados de maneira indissolúvel. A obra convida o leitor a refletir sobre esses paradoxos, oferecendo uma visão profunda da experiência amorosa humana.

No século XXI, marcado por uma diversidade de estilos literários que refletem as complexidades da sociedade contemporânea, a visão do amor continua sendo percebida como ardente e visceral. Renato Nogueira, filósofo contemporâneo, em seu livro “Por que

amamos” mergulha no tema com profundidade. Ele conduz uma notável pesquisa genealógica sobre o amor e questiona se o amor é uma construção social, uma ideologia ou uma conexão com nossos ancestrais. Além disso, investiga como ele se manifesta em diversas sociedades e quais são as contribuições de pensadores e filósofos sobre o tema. O amor, segundo o filósofo, não resulta apenas de nossos projetos e intenções, mas é uma parte intrínseca da natureza, composta por uma série de mecanismos, que não conseguimos perceber com nitidez, desenvolvidos ao longo dos milênios.

Podemos analisar o amor retratado na obra *Caminha* a partir da visão de Michel Foucault, filósofo francês, conhecido por suas análises sobre poder e subjetividade. Foucault não aborda o amor de forma direta como um tema central em suas obras, mas suas ideias sobre poder e relações intersubjetivas podem ser aplicadas ao entendimento do amor e das dinâmicas de poder que o envolvem. Ele entende o poder não apenas como algo repressivo, mas como uma rede de relações que permeia todos os aspectos da vida social, incluindo as relações pessoais e afetivas.

Ele não vê o poder como uma entidade possuída, mas como uma relação que se manifesta nas interações sociais. O poder, segundo Foucault (1988), está disseminado por toda a sociedade, permeando instituições, práticas, discursos, relações pessoais e afetivas. Essa concepção de poder como uma rede relacional nos permite examinar de forma mais aprofundada as dinâmicas entre os personagens de "O Bom Crioulo".

A relação entre Amaro e Aleixo é emblemática no que se refere às tensões raciais e hierárquicas presentes na sociedade brasileira do século XIX. Enquanto Amaro deve constantemente negociar sua posição social e seu valor em um mundo que ainda considera a escravização uma prática aceitável, Aleixo usufrui de uma liberdade e de privilégios, resultantes de sua cor e classe social. Aleixo, por ser branco, muitas vezes exerce um poder simbólico sobre Amaro, refletindo as expectativas sociais que os cercam. No entanto, essa relação não é unidimensional: Amaro também têm um poder que emana de sua experiência e força física. Mesmo em uma posição social desfavorável, ele desafia as normas ao estabelecer uma ligação afetiva com Aleixo, evidenciando que o poder é uma trama complexa que, frequentemente, se oculta sob várias camadas nas relações, não sendo facilmente percebida a partir de um olhar superficial. A análise da interação entre

Amaro e Aleixo à luz do pensamento de Foucault nos permite entender que o poder é uma realidade dinâmica e multifacetada, em que as interações sociais desempenham um papel crucial em sua configuração. "O Bom Crioulo" não apenas narra uma história de amor e desejo, mas também nos convida a refletir sobre as complexidades do poder, da hierarquia e da resistência em uma sociedade marcada por profundas desigualdades.

Reflexões finais

O artigo proposto reflete sobre a relação entre os protagonistas de "O Bom-Crioulo", obra de Adolfo Caminha, questionando se essa ligação tem pendor para o amor ou para a dinâmica de poder. A análise se fundamenta na complexidade das interações humanas, que ora busca a completude no outro, ora responde a circunstâncias sociais e históricas. A dualidade presente na história de Amaro e Aleixo revela não apenas as tensões afetivas que permeiam sua relação, mas também as estruturas sociais que influenciam e moldam essas interações.

A obra se insere em um contexto social conturbado, em que o Brasil, no final do século XIX, atravessava uma transição significativa, marcada por transformações sociais, políticas e econômicas. O reconhecimento das desigualdades raciais e de classe, bem como a busca por identidade e cidadania, tornam-se centrais na análise das relações entre os personagens. A familiarização com a trajetória de Amaro, um marinheiro negro, e sua relação com Aleixo, um jovem branco, permite observar a complexidade das dinâmicas de poder – Amaro, embora em uma posição social subalterna, exerce um certo controle sobre Aleixo, ao mesmo tempo em que se torna vulnerável a essa mesma relação.

O caráter ambíguo entre amor e possessividade emerge de maneira pronunciada nas interações entre Amaro e Aleixo. A atração mútua se entrelaça com a exploração emocional e a luta de poder que permeiam suas vivências. A relação é um reflexo da estranheza humana, da busca por conexão em um mundo marcado por preconceitos e limitações. A análise da obra à luz de conceitos psicanalíticos, como o "inquietante" e a idealização do amor, revela a complexidade emocional que caracteriza essa vivência

afetiva, tornando evidente que a linha entre amor e dominação é sutil e muitas vezes indistinta.

A questão central que se coloca é, portanto, se a relação entre Amaro e Aleixo é, de fato, um ato de identificação e busca por completude ou uma dinâmica de poder que se alimenta das circunstâncias sociais e das tensões raciais da época. O amor, ao mesmo tempo que emerge como um desejo autêntico de conexão, também se revela como uma forma de dominação e possessividade em um mundo que não aceita plenamente essa expressão.

A conclusão que se pode extrair deste estudo é que a relação entre os protagonistas de "O Bom-Crioulo" encapsula a complexidade da experiência humana. A estranheza das relações interpessoais desafia limites e convida à reflexão sobre o que realmente constitui o amor. A narrativa de Caminha reverbera com/nas inquietações contemporâneas sobre identidade, poder e afeto, revelando que, enquanto a busca por amor pode ser um ato de resistência e transformação, ela também é frequentemente marcada por decepções e pela luta por reconhecimento em uma sociedade repleta de normas e padrões opressivos. Assim, a pesquisa não só enriquece a leitura da obra, mas também amplia a compreensão das dinâmicas socioafetivas que ainda ecoam em nossos dias.

Referências

ARAÚJO, J. M. de. **O Rio de Janeiro do século XIX: modernidade e transformação**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BUARQUE, C. **A construção da Modernidade: Brasil 1889-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAMINHA, Adolfo. **O bom-crioulo**. Rio de Janeiro: Brasiliaris, 2023.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Amor é fogo que arde sem se ver**. São Paulo: Ediouro, 1997.

CANDIDO, Antônio. ***Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos***. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOUVEIA, Rodrigo. ***O Realismo na Literatura Brasileira***. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GOMES, Leandro. **A Marinha do Brasil: Uma história em transformação**. Rio de Janeiro: Editora Naval, 2005.

KLEIN, E.; PEREIRA, F. **O Rio de Janeiro no século XIX: Uma história visual**. São Paulo: Contexto, 2009.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Edipro, 2000.

Ocean diving in the water mirror: strangeness that defies limits

Abstract: This article reflects on the relationship between Amaro and Aleixo, the protagonists of "O Bom-Crioulo", a work by Adolfo Caminha, questioning whether this connection has a tendency towards love or towards power dynamics. The analysis is based on the complexity of human interactions, which sometimes seek completeness in the other, and sometimes respond to social and historical circumstances. By connecting literature, the social context of the 19th century, philosophy and psychoanalysis, this article aims to elucidate how the literature of this period reflects and problematizes the dynamics between love and domination, highlighting the hypocrisy of a society in transformation and the struggle for recognition and identity in its multiple dimensions. Through the work of Adolfo Caminha, we can analyze the complex social dynamics of 19th century Brazil, highlighting the struggle for recognition and equality in a time of intense transformation. The relevance of his work remains current, as the issues it addresses continue to resonate in contemporary debates on race, sexuality and civil rights.

Keywords: Love. Homosexuality. Realism.

Recebido: 31/05/2025

Aceito: 22/06/2026